

A glândula pineal*

George Berkeley

Tradução e comentário **Marta Kawano**

Mestre em Filosofia e Doutoranda em Teoria Literária
e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo

*O vitae philosophia
dux virtutis indagatrix!*¹
(Cícero)

Sou um homem que dedicou grande parte do tempo que os jovens cavalheiros passam na universidade vagando por terras estrangeiras; um tal modo de vida, muito embora me tenha proporcionado grande intimidade com os costumes e a conversação dos homens, não me levou a avanços proporcionais na direção da ciência e da especulação. Em minha passagem pela França, após expor um dia minha situação a um cavalheiro daquele país, de quem me tornara amigo, ele fez uma pausa, conduziu-me ao seu gabinete, abriu um armário de âmbar e dele tirou uma caixinha de rapé que afirmou ter-lhe sido dada por um tio seu, o autor de *A viagem ao mundo de Descartes*; e então, com muitas manifestações de afeto e gratidão, deu-me de presente, afirmando desconhecer maneira mais eficaz de prover e enriquecer a mente com conhecimento nas artes e nas ciências do que o uso adequado daquele rapé.

O senhor deve saber, disse ele, que Descartes foi o primeiro a descobrir que uma certa parte do cérebro, chamada pelos anatomistas de glândula pineal, é o receptáculo imediato da alma, onde esta é afetada por todos os tipos de percepções e realiza todas as operações pelo intercurso de espíritos animais, que correm pelos nervos espalhando-se assim por todas as partes do organismo. Acrescentou ainda que o mesmo filósofo, tendo considerado o corpo como uma máquina ou uma peça de um mecanismo de relógio que realiza todas as operações vitais sem a concorrência da vontade, começou a pensar que se poderia descobrir uma maneira de separar por algum tempo a alma do corpo, isso sem dano algum à primeira; e que, após muito meditar sobre o assunto, o acima referido virtuose elaborou o rapé com o qual ele

* Artigo publicado no *The Guardian*. Nº 35. Terça-feira, 21 de abril de 1713.

1 "Ó filosofia, condutora da vida e indagadora da virtude!"

então me presenteava. Esse rapé, empregado na quantidade certa, iria sem dúvida alguma separar minha alma de meu corpo. Sua alma, continuou ele, uma vez livre para transportar-se, como um pensamento, aonde bem lhe aprouver, poderá penetrar na glândula pineal do mais douto filósofo e, lá estando, tornar-se o espectador de todas as idéias presentes nessa mente, o que a instruiria em muito menos tempo do que os métodos usuais. Apresentei-lhe meus agradecimentos, aceitei o presente e, com ele, um papel contendo as instruções de uso.

Você deve imaginar o quanto não pude aperfeiçoar-me e divertir-me passando meu tempo na glândula pineal de filósofos, poetas, namorados, matemáticos, senhoras distintas ou homens de Estado. Num momento demonstrava um teorema matemático através de um longo labirinto de intrincadas voltas e sutilezas de pensamento; noutro me tornava consciente das sublimes idéias e das abrangentes visões de um filósofo, sem labor ou desgaste algum de meus próprios espíritos; algumas vezes caminhava por perfumadas alamedas e prados verdejantes na fantasia de um poeta; outras, estava presente quando irrompia uma batalha ou uma tempestade, ou um palácio cintilante se elevava em sua imaginação; contemplei ainda os prazeres da vida no campo, a paixão de um grande amor, o calor da devoção provocado pelo êxtase; ou, para usar as palavras de um autor muito engenhoso:

*Contempla os transe que conhece um poeta
Quando arde em seu peito uma veia de fantasia.
Contempla sua lida quando escava a mina
Contempla seu ânimo quando a vê brilhar.*

Tudo isso me proporcionou um prazer inconcebível. Por vezes também não deixou de ser um agradável passatempo descer, dessas idéias magníficas, às impertinências de um apaixonado, aos áridos esquemas de um político de corredores ou às ternas imagens na mente de uma senhorita. De modo a formar uma idéia correta a respeito da felicidade humana, pareceu-me conveniente fazer um exame das diversas maneiras pelas quais homens de diferentes ocupações eram por ela afetados; adentrei então na glândula pineal de uma pessoa que me parecia apta a fornecer uma compreensão de tudo o que constitui a felicidade de alguém que é chamado *homem de prazer*. Mas quão desapontado não fiquei com a noção que fazia dos prazeres experimentados por um *libertino* que se livrou dos constrangimentos da razão.

Seu intelecto se tornou obsoleto por tão pouco uso; seus sentidos se degeneraram e se esgotaram por uso excessivo. A completa indolência das faculdades mais elevadas impediu o apetite de proporcionar-lhe satisfações sensuais; e o desregramento dos apetites naturais produziu repugnância ao invés de prazer. Contemplei ali as

imoderadas ânsias da juventude, sem sua satisfação; a debilidade da velhice, sem sua tranqüilidade. Quando as paixões eram excitadas e provocadas por algum objeto que lhe causava forte impressão, isso não tinha como efeito deleitar ou apaziguar a alma, mas antes torturá-la na alternância entre os extremos de apetite e saciedade. Vi um infeliz atormentado, ao mesmo tempo, pela dolorosa lembrança de seus fracassos passados, pela aversão diante dos objetos presentes que solicitam seus sentidos e por um secreto temor do futuro. E não vi outra espécie de alívio e conforto na alma desse miserável senão a que consistia em impedir sua cura inflamando-lhe as paixões e suprimindo-lhe a razão. Embora se deva admitir ter ele quase extinguido a luz colocada pelo criador em sua alma, observei, a despeito de todos os seus esforços, alguns raios de remorso atravessarem em certos períodos a escuridão, interrompendo a satisfação por ele encontrada em esconder de si mesmo suas deformidades.

Eu também estava presente na origem ou na produção de um certo livro na mente de um livre-pensador e, acreditando não ser inaceitável fazer-vos penetrar no modo secreto e nos princípios internos pelos quais o fenômeno se forma, em minha próxima carta devo relatá-lo a vós. Sou, por ora, vosso mais humilde servo,

Ulisses Cosmopolita

N.B. O senhor Ironside recebeu posteriormente, vindo da França, dez libras de peso aferido desse rapé filosófico, dizendo dele pretender fazer uso para distinguir os sentimentos reais daqueles professados por todas as pessoas eminentes da corte, da cidade, da vila e do campo.

A glândula pineal*

(continuação)

*...Aegri somnia*¹ (Horácio)

Como meu correspondente, que adquiriu a capacidade de penetrar nos pensamentos de outros homens, enviou-me, continuando a carta anterior, um relato de algumas descobertas proveitosas feitas por ele com o auxílio dessa invenção, vou transmiti-lo ao público neste artigo.

Senhor Ironside,

No dia 11 de outubro, tendo deixado meu corpo trancado em segurança no meu escritório, parti para o Café Grego, onde, entrando na glândula pineal de um eminente livre-pensador, dirigi-me diretamente à sua parte mais elevada, que é a sede do Entendimento, esperando ali encontrar um conhecimento abrangente de todas as coisas humanas e divinas; porém, para meu grande espanto, achei o lugar mais exíguo do que de costume, e tanto mais por não haver ali cômodo algum para um milagre, uma profecia ou um *espírito separado*.

Isso me obrigou a descer um andar até a imaginação, que me pareceu um lugar mais amplo, embora frio e desconfortável. Encontrei o Preconceito numa figura de mulher postada a um canto, os olhos cerrados e os dedos da mão tapando os ouvidos; muitas palavras, confusamente ordenadas mas pronunciadas com muita ênfase, saíam-lhe da boca. Tudo isso era condensado pela frieza do lugar, formando uma espécie de névoa através da qual acredito ter visto um grande castelo cercado por uma fortificação e uma torre contígua a ela que, olhando pela janelas, parecia cheia de cavaletes de tortura e cordas de enforcamento. Embaixo do castelo pude distinguir vastas masmorras, e por todo lado jaziam espalhados ossos humanos. Tudo parecia ser vigiado por homens vestidos de preto, de tamanho gigantesco e formas aterradoras. Mas, quando me aproximei, o terror daquela aparição se dissipou, e vi que o castelo era apenas uma igreja, cujo campanário, com seu relógio e sua corda, fôra por mim confundido com uma torre cheia de cavaletes de tortura e cordas de enforcamento. Os terríveis gigantes negros se transformaram em inocentes clérigos. As masmorras se tornaram criptas destinadas à habitação dos mortos, e a fortificação se mostrou apenas o campo-santo, com alguns ossos espalhados, rodeado por um muro de pedra.

* Artigo publicado no *The Guardian*. Nº 39. Sábado, 25 de abril de 1713.

¹ ...sonhos de um enfermo.

Pouco tempo depois, minha curiosidade foi suscitada por um forte barulho vindo da região inferior. Quando fui até lá, encontrei um aglomerado caótico de paixões. Sua tumultuosa assembléia logo me convenceu de que elas simulavam uma democracia. Depois de muita balbúrdia e discussão, finalmente pararam para ouvir Vaidade, a qual propôs o levante de um grande exército de noções que ela se dispunha a comandar contra os horríveis fantasmas da imaginação que haviam causado todo aquele tumulto.

Vaidade foi enviada ao depósito de idéias e eu fui atrás dela; pude ali contemplar um grande número de noções sem vida amontoadas; mas quando Vaidade se aproximou, elas começaram a se arrastar. Nesse lugar se podia ver, entre outras coisas curiosas, divindades adormecidas, espíritos corpóreos, e mundos formados ao acaso, juntamente com uma imensa variedade de noções pagãs. Havia misturadas entre elas algumas de extração cristã; mas a roupagem e o modo como se apresentavam era tal, suas feições haviam sido tão deformadas, que aparentavam apenas um pouco melhor do que pagãs. Ali também estava reunido um grande número de fantasmas em estranhas vestimentas, que se mostraram pregadores idólatras de diferentes nações. Vaidade deu a ordem, e imediatamente os talopinos, faquires, brâmanes e bonzos se alinharam. O flanco direito consistia de antigas noções pagãs, o direito, de cristãs naturalizadas. Todas juntas, por serem numerosas, compunham um exército verdadeiramente formidável; mas a precipitação de Vaidade era tão grande, e tamanha era a inata aversão deles à tirania das regras e da disciplina, que mais pareciam uma confusa ralé do que um exército regular. Pude, no entanto, observar que todas coincidiam no mesmo olhar oblíquo lançado em direção a uma pessoa com uma máscara, postada no centro, a qual pude descobrir, por meio de provas e sinais e seguros, ser o Ateísmo.

Vaidade nem bem havia conduzido suas forças até a Imaginação e resolveu tomar de assalto o castelo de modo implacável. Iniciaram o ataque com grande clamor e confusão. Quanto a mim, o melhor a fazer era voltar para o meu quarto. Algum tempo depois, ao procurar numa livraria *Um discurso sobre o livre-pensamento*, que havia provocado um certo alarde, deparei com os representantes de todas aquelas noções dispostos da mesma maneira confusa também no papel.

Sábio Nestor,
Sou vosso mais humilde servo,
Ulisses Cosmopolita

N.B. Dei uma volta em torno da mesa, mas entre eles não pude encontrar nenhum homem de espírito ou matemático.

George Berkeley y Jorge Luis Borges

Segundo o editor das obras completas de George Berkeley, A. A. Luce, o artigo intitulado *A glândula pineal* foi publicado no *The Guardian*, assim como outros onze artigos, no ano de 1713. Este pequeno texto, que Berkeley assina com o pseudônimo de *Ulisses Cosmopolita*, é mais uma peça da batalha contra o ateísmo e o livre-pensamento travada pelo bom bispo. O que chama contudo a atenção é o estilo que o filósofo irlandês resolveu adotar desta vez... Vemos, em primeiro lugar, que ele toma como ponto de partida de seu artigo o conhecido dualismo cartesiano: *res cogitans e res extensa*, focalizando justamente o suposto local de união ambas as substâncias: a glândula pineal. Esse é o ponto de partida. Mas Berkeley parece se ater a um aspecto ainda não muito explorado das considerações cartesianas a respeito da glândula pineal, ou seja, à possibilidade de separação, por meio de um rapé filosófico, da alma e do corpo. Basta ler o texto para constatar onde ele pretende chegar com isso. Ora, a ironia de Berkeley nos parecerá tanto mais evidente se lembrarmos que ele é um filósofo *imaterialista*, e que portanto não dá o menor crédito ao dualismo cartesiano. Desse ponto de vista, *A glândula pineal* pode ser vista como uma jocosa redução da filosofia de Descartes ao absurdo.

Redução ao absurdo, ao fantástico...? Não nos parece de todo inapropriado, dado o tom do texto de Berkeley, trazer à baila o escritor argentino Jorge Luis Borges. Borges, que chegou a caracterizar a si mesmo como um *argentino extraviado en la metafísica*, era um leitor atento de Berkeley: escreveu dois ensaios nos quais trata do filósofo irlandês (*Nueva refutación del tiempo* e *La encrucijada de Berkeley*; neste último, chega a citar passagens inteiras dos *Principia*), isso sem falar nas idéias de Berkeley utilizadas por Borges como matéria (evidentemente no sentido figurado) para suas *Ficções* (evidentemente no sentido literal). Certamente não é nosso intuito aqui mostrar qualquer pendor imaterialista do escritor argentino. Antes queremos, com a ajuda do próprio Borges, tratar da insuspeitada incursão do filósofo irlandês na literatura fantástica. E não foi o próprio Borges quem um dia afirmou que a metafísica é um ramo da literatura fantástica?

Em um ensaio intitulado *Kafka y sus precursores*, Borges procura mostrar que muitas vezes um escritor cria seus precursores: depois de lermos Kafka, podemos considerar como kafkianos diversos escritores que o antecederam. Por que então não

pensarmos, *après coup*, que Berkeley seja borgiano? Dois amigos se encontram; um deles comenta a existência de um curioso livro intitulado *Uma viagem ao mundo de Descartes* e de um rapé filosófico que permite àquele que o utiliza freqüentar a mente de quem bem lhe aprouver; o outro, Ulisses Cosmopolita, se lança então na fantástica viagem proposta pelo amigo... Alguém ousaria negar que tudo isso foi tirado de uma página de Borges?